

POESIA E INCONSCIENTE, ULTRAPASSAGENS: “NONADA” –

O sujeito poético na contramão do consumo.*

Maria Lúcia Martins**

Unitermos: poesia, poema, inconsciente, ultrapassagem, sujeito, consumo, palavra, nonada.

RESUMO

Ao longo de “Grande Sertão Veredas” (João Guimarães Rosa, 1957, 460 p.), a autora grifa criações do autor, significantes, palavra erotizada num espaço reinventado. Em nova escuta da escrita, “pedaço de real”, na borda do não-sentido, toma o sujeito poético em ultrapassagem (o inconsciente), sob a clara/idade (o tempo) na contramão do sujeito do consumo. Assim, o alvorecer da palavra nova (espaço forjado no velho mundo novo), eis o poema como possível construção no sinthoma – Nonada?

*(...) Cada fato à idéia tão avesso,
Que os planos ficam sempre insatisfeitos;
As idéias são nossas, não os feitos.
(Shakespeare)*

I parte – Significantes roseanos – Diferença entre poesia e poema.

Por muitos anos retornei o Grande Sertão Veredas (G.S.V), o mais célebre livro de João Guimarães Rosa (1). E a cada leitura mais sublinhava a poesia que brota da vastidão dessa narrativa rara. Um romance atual e de quase meio século deste nosso velho admirável mundo novo. Sabemos que existem e sempre existirão um arco-íris de leituras de G. S. V. por diferentes universidades, entidades e países, séculos afora. Nossa fala é ínfimo ponto desse arco-íris de brilho eterno

Ao ser publicado, provocou uma revolução no romance brasileiro: nada do que lhe antecede, e, ainda, nada do que lhe sucede, pode lhe ser equiparado. A primeira palavra deste livro de 460 páginas é Nonada. Sua linguagem é única. Seu conteúdo dramático, inusitado. Traduzido em inúmeras línguas, GSV é um marco de inventividade de linguagem e, por consequência, da língua brasileira.

De sua leitura brota a poesia que se dá-a-ver (2) ao longo de uma história gestada sob a precária condição do homem entre homens e aventuras na Natureza. Ao ler “Nas pedras,/ Livros nos córregos balbuciantes / E em toda parte o bem.” pediríamos a Shakespeare (3) para acrescentar: E em toda parte o bem e o mal. Eis os dois opostos simultâneos em G.S.V. crescendo em espiral de cipós e bunités, refletidos em “claráguas” para de novo perder-se no “luzfús” das palavras, ora amanhecidas na claridade do canto de um córrego, ora anoitecidas pelo ódio. Em G.S.V a escrita parece escorrer da escuta e sob a luz de fora, as palavras vão sendo atadas ao vento. A imersão em sua leitura, amálgama de sons e cores, a princípio, mais fortes que os fatos da história: em G. Sertão, nos alfabetizamos em uma outra língua brasileira! Nela, contrariando David Olson (4), a própria sintaxe já inclui a intenção do autor, ou seja, o pragmatismo da escrita e sua gramática se reúnem fazendo um novo estilo de humanos.

Enfim, a leitura desse livro, vem vindo mais dos vazios das entrelinhas que das letras; vêm as imagens do farfalhar das folhas, dos lampejos do azul do céu, do calar dos pássaros sob as sombras da noite. Da couraça que veste os homens destemidos, o alvoroço de patas de sua cavalcada e a ternura do silêncio feminino escondido no guerreiro Diadorim – tudo – são tramas da paixão em Grande Sertão Veredas.

Aqui, não pretendemos uma análise literária. Nossa proposta não é esta.

À esta parte introdutória, para dizer o que é poesia retiramos, dessa narrativa roseana barroca, algo precioso e da mesma natureza de estrela supernova, num “sertão do tamanho do mundo”.: assim, fazendo da licença poética, ato, diremos:

Nonada.

(...) Que é que é um nome? Nome não dá: nome recebe.

Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada.

(...) então eu carecia de uma realidade no real, sem divago // Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

(...) Não tiro sombras dos buracos.

Quem moi no aspro não fantaseia // Viver não é mesmo muito perigoso?

(...)só face dum momento – feito entre madrugara e manhecar. // ...falei com a estrela d'alva.// Me alegrei de estrelas. (...) aquilo molhou minha idéia. // Aire, me adoçou tanto, que dei para inventar, de espírito, versos naquela qualidade. //

O sertão é do tamanho do mundo.// Fui aprendendo a achar graça no desassossego. Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas.

Quem moi no aspro não fantaseia. // Viver não é mesmo muito perigoso?

No formato da forma, eu era o valente nem mencionado medroso. Eu era um homem restante trivial.

Viver perto das pessoas é sempre dificultoso, na face dos olhos. // Amigo. Tirar o prazer de estar próximo. Só isto quase. E todos os sacrifícios.

Digo ao senhor: remorso? Como no homem que a onça comeu, cuja perna. Que culpa tem a onça, e que culpa tem o homem? // A vantagem do valente é o silêncio do rumor

O que o medo é: (..) a gente pensa que é por causas: por isto ou por aquilo, coisas que só estão é fornecendo espelho.

Quem moi no aspro não fantaseia // Viver não é mesmo muito perigoso?

Medo, não, mas perdi a vontade de ter coragem. // Ao que fugi até da precisão de fuga.//As razões de não ser. // Nós estávamos em fundo fundo //...faltava rastro de fala humana...

Deus é um gatilho?

A vida é um vago variado.

Fui indo. De repente, de repente, tomei em mim

o gole de um pensamento – estralo de ouro:

pedrinha de ouro. E conheci o que é socorro.

*Diadorim é minha neblina...
Abracei Diadorim, como asas de todos os pássaros.*

Os significantes roseanos, metáforas que falam de “só-depois”, “não-todo”, “dentro-e-fora...” entre outras expressões psicanalíticas.

Quando o poeta Manuel Bandeira alertou – a poesia se faz com palavras – lembramos, *mutatis mutandi* que a prática psicanalítica também se faz com palavras. Tal prática, por vezes, bem pode colher raros significantes ou gesto, balbucio, palavra singular, gerados no silêncio, no sonho ou na angustia do dizer. Ou na dor e alegria de aprender. E, sempre possível alguma interpretação, instrumento valioso que nos legou Freud, estrada de duas mãos: a do analista – nervo condutor de possível ato psicanalítico em seu bem dizer (ética) – e a do analisando, matéria essencial para a continuidade transferencial, da análise em curso. Concordamos com Mário Fleig (5) quando aponta a interpretação como uma ponte entre a literatura e a prática psicanalítica, embora ele pergunte, a cada um destes saberes, de qual interpretação se fala. Instigante problemática... mas, certamente, para um outro Encontro.

.....

Até agora vimos o que é poesia. Passemos ao poema. Haverá diferença entre poesia e poema? E, se há, por que ela nos interessa?

Lacan (1956) diz que “A poesia é criação de um sujeito assumindo uma nova ordem de relação simbólica com o mundo”. E criar uma nova ordem, não é ordenar um conjunto de relações, ou uma certa leitura, de uma outra maneira, mas, sim, instaurar, aí, um modo novo de linguagem. G. Rosa, em G.S.V., instaura uma nova linguagem com o mundo através da sua prosa poética – mas que não são poemas.

De forma lata, emprega-se o termo poesia no lugar de poema. Sem objetivar o conceito de poesia lírica – mais precisamente de sujeito lírico, como, brilhante, faz o psicanalista do Círculo, seção Rio de Janeiro, Anchyses Jobim Lopes em seu livro (6), tese de doutorado em filosofia – aqui, “poesia” é compreendida como algo que se antecipa à palavra, um não-lugar, lapso, sujeito inconsciente e contingente e deslizamento ao sujeito poético. Como num sonho escutado e que se-dá-a-ver imagem que antecede à palavra. Vale lembrar que o inconsciente é condicionado à existência da linguagem. E mais: ao aceitar o conceito lacaniano de linguagem e/ou falasser, é solidário lembrar, pela via da filosofia em Heidegger: somos um ser que pensa por que fala – e não ao contrário. O sujeito do desejo inconsciente, em irreversível condição de alegria trágica, imita – Garças – feitas de puro vôo (...) Nunca procuram caminhos de volta: foram apagados. O poeta e o psicanalista, cada qual ao seu modo, porque afirmar com Lacan: Deus é o inconsciente.– O Grande Outro não existe

O poeta, entretanto, condenado à liberdade (para não esquecer Sartre), carrega a culpa de sua arte não ser considerada um produto, seja máquina, moda, moeda para o seu currículo... Tampouco, pão ou vinho. Naturalmente, com raras e louváveis exceções, o poema, arte de engenhosa elaboração, talvez, por matéria prima não existir à venda, seja um excluído do sistema de consumo duas vezes: de coisa inútil para a grande maioria das pessoas, logo, zero à esquerda na competição que sustenta o consumo ou economia de mercado.

Sabemos que, á psicanálise, interessa saber como nasce um poema. Eu me arrisco a dizer que, do silêncio do poeta à escuta do fragmento pré/significante ou poesia, ele respira um certo ar de onde vem vindo o ritmo, a música de imagens, e, do tempo, vai arrancando as palavras futuras. Só depois começa a articular seu verso. Sujeito do inconsciente – lapso, fenda, buraco – frente ao chamado da poesia (sua postura dentro e fora do mundo) é ultrapassagem. E desta o poeta retorna e enfrenta sua consciência estética pela via oral ou escrita. Eis a literatura, a ficção ou verdade do sujeito. Movimento de desejo, a viagem da narrativa, escrita em construção e desconstrução. Eis os versos, escrita horizontal que, em

“n” costelas paralelas (de forma canônica ou completamente livres, e, com ou sem rima) vai compondo o corpo vertical rítmico do poema em sua instauração. Sob a condição de jamais separar o conteúdo da forma. Texto que se inicia por um enlaçamento de significantes (de duas naturezas pelo menos) falado dentro e fora, sujeito e mundo, fita möebius a transformar dois em um: eis o texto. Cadeia do trajeto de passagem ao sujeito da escrita, por sua lógica singular, até que as letras do intervalo infinito, sobre um certo segmento, um discurso poético, chegue ao ponto final... o finito de possibilidade infinita.

Heidegger (v. Fleig, 5) reconhece seu débito para com o poeta, “circunscrevendo com precisão o ato criador do dizer poético”. Tal conceito, pode-se ler nos poemas extraordinários de Heüderlin, onde (7) “o vigor do dizer poético” o coloca ao “lado dos poemas de Hesíodo, Heráclito, Homero, Parmênides e outros” Ouçamos:

Como num dia de festa

Quando vem a hora,/ Como o mestre, ele sai do ateliê,/ E o traje que então veste/ É traje de festa,/ Em sinal da obra/ Que lhe falta ainda realizar.

Só nos resta, com Freud e com Lacan, confirmar o poder que a poesia (a arte, a literatura) tem de injetar significantes à psicanálise – e não ao contrário.

II parte – Singularidade ou ultrapassagem do poema.

Até o momento, trouxemos a particularidade (parte extraída do todo) do dizer poético e diferença entre poesia e poema. Agora, submeto aos senhores certa singularidade (referente ao todo mas fora dele) de minha própria criação. E o farei sem preconceito ou sem culpa e sem desculpa; leveza que o tratamento psicanalítico costuma nos propiciar. E como lhe sou grata por tal. É que, primeiro, não sou crítica literária e sim uma leitora apaixonada pelo ofício da poesia. Assim, a singularidade de escrita a que tenho acesso – e em termos! – é a minha: aqui, alguns fios de nosso texto-vivo que acreditamos ser lúdico, lógico, dramático e poético (título do livro inédito da autora).

E não se trata de falar do indivíduo/autor mas do sujeito/poema, fase de uma escrita já madura ou crítica: aprendendo com Elliot (8), vamos tocar numa fase em que o autor já libertou o seu “eu poético/sentimental”, pois este já se permitiu calar, e o escritor agora produz sob a regência do sujeito da escrita dramática, ou de terceira voz. Com as devidas diferenças entre poema e psicanálise, pode-se pensar em um si mesmo, tratado em O Segredo do Nome do Pai, de Miller, (9) onde podemos escutar a palavra, sempre tão lúcida de Bernardino Horne .

Assim, na borda do não-sentido, o poema padece, não-pára-de-não-se-escrever, até que a negatividade seja vencida pelo prazer de criar: adoeça de satisfação a que não-pára-de-se-escrever... aqui, literalmente. E tudo passa pela aprendizagem (leia-se, vida e análise) do “saber fazer, ai, com isso” matéria prima da clínica do sintoma em Lacan (10). Saber, ai, é sabor: sexualidade tocada pelo texto, ou simplesmente tesão de ler e de escrever. A finalidade da vida sexual equiparada à vida com e pela arte da escrita. A escrita anunciada no corpo, extraída de certa clara/idade (tempo) e a letra parindo, às tantas, o alvorecer de um poema. Nenhuma garantia de ser ou permanecer. Ofício, um que fazer na contramão “do sujeito do consumo” que tão bem historiou C. P. Corrêa (11).

Ao produzir ficção, poema, sinto que tudo se passa numa “familiar estranheza” parodiando Freud, cadeia de lapsos, num terreno de aluvião, angústia de encontrar a palavra para o mais tolo objeto. Degustado pela via do “mirar”, necessidade de deslocamento ao olhar do

outro para um ad/mirar. Tocar o desejo do outro. Desejar o desejo do outro. Por isso, ao criar, escrever, fosse mais lúcido dizer sujeito do desejo inconsciente.

Lacan nos diz: (10) Ora, o lapso é certamente aquilo sobre o qual funda, em parte, a noção de inconsciente. O chiste é para depositar na mesma conta – não é impensável que resulte de um lapso. É ao menos assim que Freud, ele próprio, o articula como um curto-circuito, uma economia a respeito de um prazer...//...o sintoma está mesmo onde o nó falha (rate), onde há lapso do nó.// Um nó isso falha. O amarrado do imaginário, simbólico e real falha...A mais acurada representação topológica, falha. O sujeito é falha. Ouçamos, de novo Guimarães Rosa: (...) Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

Afinal, a vida não é nem tem um sujeito. “Vida cruel”, “vida enganosa”, “vida sábia” são palavras do homem em seu jogo de por no outro o peso, fugindo de si, do sujeito do inconsciente, este a quem ele nega o olhar. .

Entretanto, cedo tive O mundo como idéia (título do fantástico livro de Bruno Tolentino) mas eu reprimia o pouco que escrevia ... Espaço Perplexo, em 1985, foi como .se chamou o primeiro livro. (12)

Numa demolição, os alicerces aparecem por último. E foram eles os primeiros da construção. Na parte primeira, brinquedos, travessia (e travessuras), as pessoas e lugares são verdadeiros pois utilizamos apenas pedras autênticas; quanto ao barro ou cimento que os liga, nada podemos jurar: os ventos e os tempos reajuntaram-nos quase ao seu modo, impondo forte impressão ao construtor-demolidor.

Depois, constatei: minha desordem é minha ordem (J. L. Borges). A quantidade, a data, a distância, coisas concretas, insisto em subvertê-las. Assim, *Número*

(...) Quantas pétalas têm os cravos encarnados, da janela? // Quantos grãos tem a areia rósea de teus castelos? //Quantos pingos tem a chuva //que enuncia a primavera?

Quantas notas tem a música //mágica de teus sorrisos?

Quantas cores têm os sonhos //em noite de seus avisos?

Quantos, quantas...

Número (absoluto) portanto, é puro engano, todos sabem. Resta somente o símbolo do que não se pode contar...

Insisto na idéia de inconsciente como ultrapassagem (13). Estranha experiência de não saber nada do que me vinha vindo e me sentir sem chão e sem céu. Vejamos uns versos de Garças:

(...)

*As garças, não eram feitas: surgiam. Leves,
feitas de vôo,*

*(o vôo veio primeiro). Garças de asas
emendadas em asas,*

*as garças passam penhascos, além,
os prados cinza.*

*O verde inda é longe. Longe, as aves
advinham a terra.*

*As garças descem (como atraídas) e
sentem a primeira*

*sede. A água compreendida pela
sede. Jamais*

a informação da água: as garças gestadas,

de puro vôo.

*Nos ventos, o olhar enfastiou-se.
As garças buscam, clarão de madrugada
(ou de crepúsculos: nenhum sinal
por distinguir a cor das horas).
As garças pisam areias virgens
(imprimem sua chegada: a cruz aberta)
beiras de charcos, beiras de lagos
restos de mar incendiados ao meio dia.*

*Às vezes, as garças se animam
com o assobio dos ventos chamando
a noite. E dançam. Dançam o passado
cravado às asas. Nunca procuram
caminhos de volta: foram apagados.*

III parte – Conclusão: o sujeito poético na contramão do sujeito do consumo

Como conclusão, eu me arvore a dizer que, tudo o que dissermos aqui, vale por uma tentativa de metáfora à “clínica do sintoma” de Lacan. (14). E por que? Por acreditar que ao trazer os significantes da poesia de G. S. Veredas, deles passar à minha própria desordem/ordem ao criar um poema – para, ao fim e ao cabo, marcar a diferença (que nos parece já ter sido desenhada) entre sujeito poético e sujeito do consumo – eu fui me convencendo de algo que tenho estudado teoricamente: mas, por um certo reconhecimento de sinthoma, posso dizer que a escrita que me persegue, na borda não sentido, pedaço de real, é instrumento essencial de meu *saber fazer, aí, com isso*. Assim, se para voar (escrever) é preciso possuir asas (14), somente o sujeito, pura contingência, poderá, a partir do “saber, aí”... do sinthoma, falar delas. E fabricá-las.

Eis o divisor de águas: o sujeito do consumo, escravo desse nosso capitalismo tragador, iludido pela globalização (afinal, um desejo social tão sadio quanto antigo), politicamente, extremamente desvirtuado, se o sujeito do consumo tiver que “fabricar asas” – aceitando-se a metáfora –, em seu processo de competição permanente, com o qual ele se funde psicossocialmente (ou educação bancária), sob domínio do ter (e não pela reflexão de si para si), e, portanto, fiel ao discurso do capitalismo, ele, sem mais delongas, comprará já prontas, as suas asas. Contanto que a fábrica que possa lhe garantir, de antemão, total sucesso.

Do sujeito poético, já falamos. E depois, ele somente voa! Crê que o vôo veio primeiro: as asas, talvez e só-depois e, ainda, a depender do desejo errante (e artesão) que as movem. *Mas, para terminar como o começo, / Cada fato á idéia tão avesso, / Que os planos ficam sempre insatisfeitos; / As idéias são nossas, não os feitos.* (Shakespeare)

*Dedico este trabalho a Sônia Vicente (E.B.P) e a Carlos Pinto Corrêa (C.P.B).

** Maria Lúcia Martins, formação em filosofia é psicanalista, escritora e poeta.

Notas bibliográficas

Desde a primeira forma (entre seis...) que foi dada a este trabalho, consultamos inúmeros vezes **As Obras Completas S. Freud**. Para não estender estas notas, cito apenas o que o reli, mais uma vez ..*Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. Por razões óbvias, é claro.

(1) João Guimarães Rosa - Grande Sertão Veredas, 12^a ed., Nova Fronteira, Rio de Janeiro

(2) João Cabral de Melo Neto – Entrevista – Cadernos de Literatura Brasileira, Inst. Moreira Sales, n/o 1, Rio de Janeiro, 1996.

(3) Shakespeare, As you like it, II, i, 17-20, in, O Mundo do papel, tradução do autor

(4) David R. Olson, O mundo no papel - As implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita, Coleção Múltiplas Escritas – Editora Ática, São Paulo, S.P., 1997

(5) Mário Fleig, O dizer poético e a clínica psicanalítica, p. 76, in Psicanálise e Literatura, Revista APOA, n/o 15, POA, 1997

(6) Anchyses Jobim Lopes, Estética e poesia – imagem metamorfose e tempo trágico – Sette Letras, Rio de Janeiro

(7) Fragmento citado por Maurice Blanchot no ensaio "A palavra 'sagrada' de Hölderlin", em A parte do fogo, trad. Ana Maria Scherer, Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

(8) T. S. Elliot, A Essência da Poesia, Estudos e Ensaio - Introdução de Afonso Romano – p. 129 – Artenova, 1972.

(9) J. A . Miller, O Segredo do nome do Pai, in Lacan Elucidado, p. 419, Zahar, S. P. 1997.

(10) Jacques Lacan, Seminário XXIII, EBP, seção Bahia- tradução de Mário Almeida, 2003

(11) Carlos Pinto Corrêa, O homem contra o sujeito, inédito, 2003, Círculo Psicanalítico da Bahia, Salvador, 2003

(12) Maria Lúcia Martins, in A condição de Pégaso, Selo Bahia Egba, Salvador, 2002

(13) Slavoj Zizek, "Mais", Folha de São Paulo (não encontrada para completar a informação).

(14) Estudo do Seminário XXIII, com Sônia Vicente, EBP, Salvador, BA. 2000/2004.

(15) A frase “*se para criar precisamos de asas, então vamos fabricá-las*” é da psicopedagoga Nilce Azevedo Cardoso, Porto Alegre, 2002, numa carta para a autora.